

GUERNICA: PERDOAR, MAS NUNCA ESQUECER

JOSÉ RAIMUNDO GOMES DA CRUZ*

As recentes explosões terroristas do trem espanhol, com mortes, mutilações e sofrimentos de inúmeros civis inocentes me fizeram me lembrar de leitura feita em vôo de regresso da Califórnia, no jornal *New York Times* da data, 24/7/2000: “*Em Guernica, determinação para ‘perdoar, mas nunca esquecer’*”, texto assinado por Herbert Mitgang.

Haveria alguma contradição? Afinal, a anistia envolve os dois aspectos, conforme seu conceito: “Extinção da punibilidade de atos definidos como crimes, fazendo desaparecer a própria figura delituosa. Originário do grego, o termo anistia significa *esquecimento* de certos tipos de infrações, em geral de natureza política.” (“Anistia”. José Pedro Galvão de Souza, Clovis Lema Garcia e José Fraga Teixeira de Carvalho. *Dicionário de Política*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1998). Trata-se de uma das manifestações do chamado *direito de graça*, decorrente da soberania do Estado e que conta argumentos contrários, por certa incoerência. Mesmo quando “as revoluções ainda não haviam atingido todo o caráter de Revolução – Revolução Mundial, patrocinada por solertes conexões ideológicas e municiada por superpotências – a anistia veio a ser usada no Brasil como instrumento de pacificação e restauração da ordem” (Souza, Garcia e Carvalho, ob. e loc. cit.).

Contudo, a resposta se encontra naquilo que afirmamos sobre o artigo XIV da Declaração Universal dos Direitos Humanos, cuja segunda parte “afasta o *asilo* no ‘caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos propósitos ou princípios das Nações Unidas’. Sendo evidente a motivação relativa aos chamados crimes comuns, no tocante a outros supostos crimes políticos, devem ser lembradas as salvaguardas da Lei Fundamental alemã, que, segundo Günter Dürig, consagram o princípio: *Nenhuma liberdade aos inimigos da liberdade*” (“Einführung zum Grundgesetz”. *Grundgesetz mit Verfassungsreform G 1994*. 32. ed. Munique : C. H. Beck, 1994. p. XVI. Cf. José Raimundo Gomes da Cruz. “50 anos da Declaração dos Direitos Humanos”. *APMP Revista*. v. 27. p. 26). O esquecimento puro e simples não justificaria tão sábia e justa previsão.

Mitgang, passeando pela tranqüila cidade basca de Guernica, ao norte de Bilbao, acha difícil imaginar a cena ocorrida há mais de sessenta anos, “quando uma inesquecível atrocidade aconteceu, nas vésperas da 2ª Guerra mundial. Só algumas marcas da devastação física ainda estão visíveis, mas o estrago humano permanece cravado na mente do povo.”

Para o mesmo autor, as lembranças dos sobreviventes do bombardeio alemão durante a Guerra Civil espanhola, juntamente com o que dizem os servidores públicos e historiadores locais, que tentam transformar um dos símbolos do militarismo fascista num lugar de paz e reconci-

* Mestre e Doutor em Direito

liação, a data do triste acontecimento foi 26 de abril de 1937. Aquela segunda-feira – um dia de feira com aglomeração de gente, da cidade e do campo, para intenso comércio – foi deliberadamente escolhida pela *Luftwaffe* (Força Aérea alemã), para causar maior número de vítimas, ou seja, terror mesmo.

A matéria jornalística inclui referência ao recente filme “The bombing of Guernica: The Mark of Men” (“O bombardeio de Guernica: a marca dos homens”). Produzido por um centro de pesquisa local sobre a paz e oferecido às entidades exibidoras públicas e privadas de todo o mundo, tal filme inclui as vozes das pessoas que sobreviveram ao ataque (os bascos chamam sua cidade mais sagrada de Gernika, mas, em outros lugares, só o nome espanhol é conhecido).

Segue-se uma referência obrigatória ao grande quadro de Picasso, atualmente exibido em anexo no Museu do Prado, em Madri. Antes de qualquer comentário, cabe lembrar o louvável engajamento da arte para esse grande pintor: “... artistas que vivem e trabalham com valores espirituais não podem nem devem ficar indiferentes a um conflito em que os mais altos valores da humanidade e da civilização estão em risco” (citado por Steven A. Nash. “Introduction: Picasso, War and Art”. *Picasso and the War Years – 1937/1945*. Londres : Thames and Hudson, 1998. p. 13).

Ele disse muito mais: “*Não, a pintura não é feita para a decoração de apartamentos. Ela é um instrumento de guerra ofensivo e defensivo contra o inimigo*” (Nash, ob. e loc. cit.).

Conta-se que o genial pintor se achava fora da França no início dos anos 40, quando o país foi ocupado. Resolveu voltar e pintar seus quadros. Saíram, então, aqueles rostos de mulheres em desespero. O general nazista da ocupação mandou chamá-lo e perguntou-lhe, mostrando alguns desses quadros:

– “Foi o senhor que fez isso?”

– Não, respondeu, prontamente, Pablo Picasso, acrescentando: foi o senhor.”

Antes da Guerra Civil espanhola, Picasso recebera a encomenda do governo republicano para pintar um quadro destinado ao pavilhão espanhol da Feira Mundial de Paris. Informado sobre o bombardeio, Picasso disse: “O quadro que estou pintando atualmente terá o título ‘Guernica’. Através dele, eu expresso minha repulsa pela disputa que afundou a Espanha num oceano de dor e morte.” Mitgang acrescenta que ele trabalhou com firmeza em 1937, concluindo “Guernica” em algumas semanas, criando uma “cena apocalíptica de figuras humanas e de animais grotescos e mutilados, valendo-se das cores branca, preta e cinza. O enorme quadro permanece atrás de vidros à prova de balas em seu lugar permanente, o Museu Rainha Sofia em Madri.”

Passando alguns dias em Madri, como fiz em 1991, ninguém pode deixar de visitar e contemplar tal obra prima. A propósito, convém lembrar que, na Espanha, os museus se fecham às 14 horas do domingo e só se reabrem na terça-feira.

O Museu de Guernica mantém em exibição permanente, no centro da cidade, documentos do bombardeio com fotografias dos artefatos, incluindo fragmentos das bombas com marcas alemãs. No dia da feira fatídica, um avião da força aérea alemã sobrevoou a cidade, fazendo reconhecimento dos melhores alvos. Os sinos da Igreja de Santa Maria alertaram a população sobre o ataque iminente. Um mês antes, a Legião Condor tinha bombardeado a vizinha cidade de Durango, centro de comunicações e fábricas de armamentos atrás das linhas republicanas. O povo de Guernica imediatamente construiu diversos abrigos frágeis de madeira, protegidos com sacos de areia, ao redor do centro da cidade. Mitgang prossegue: “O bombardeio começou às 16:30 horas e continuou por três horas. Aviões de combate em vôo rasante apareceram sobre o horizonte, vindo em ondas, despejando toneladas de bombas e projéteis incendiários. Os esquadrões alemães eram protegidos pelos aviões de combate italianos no ataque, o primeiro coordenado em comum pelas forças de Hitler e Mussolini. Então vieram os aviões de combate da *Luftwaffe* metralhando tudo que se movesse. Guernica foi arrasada num dia; incontáveis centenas de pessoas morreram feridas pelas bombas, granadas e chamas. Ninguém pôde avaliar o número exato das vítimas, porque a população da cidade aumentara por ser dia de feira.”

Alguma dúvida sobre tais fatos? Haveria exagero? Claro que não, devendo ficar esclarecido que não se fala do inegável exagero do horror da vida real vivido por Guernica nos anos 30. Os efeitos especiais permitem que o cinema e a televisão criem obras do gênero chamado *filme de terror*. No entanto nada sequer se aproxima daquela tarde em Guernica.

Mitgang informa que o Museu de Guernica exibe numa das paredes, emoldurada em quadro, a carta do Presidente da Alemanha, Roman Herzog, de 27/3/97, reconhecendo que a Legião Condor foi responsável pelo ataque: “Foi um injustificável ato de bombardeio aéreo”, segundo a carta, que acrescenta: “As vítimas desta terrível atrocidade sofreram angústia humana. Nós repudiamos o bombardeio pelos aviadores alemães e o horror que ele causou. Agora nós pedimos reconciliação e paz entre nossos dois povos.”

O Museu também possui cópias dos esboços do quadro de Picasso, realizados pouco depois do bombardeio, e não só a pintura original.

Algumas quadras adiante do Museu de Guernica, no primeiro andar de um pequeno edifício, fica o centro de pesquisa sobre a paz, chamado, em basco, Gernika Gogoratuz (Guernica Relembada), onde o novo documentário foi criado. “O horror daquele dia marca os sobreviventes para sempre”, segundo a narração do filme, que prossegue, conforme o texto jornalístico: “Ainda por cúmulo, eles foram forçados a esconder a verdade sobre o crime cometido contra eles durante as quatro décadas da ditadura do General Franco. Agora, os sobreviventes não querem que a lembrança de tal horror caia no esquecimento.” Daí o *slogan* que acompanha o filme: “*Perdoar, mas nunca esquecer.*”

Outros monumentos existem em Guernica com tal objetivo. Paz, sim, reconciliação, também. Contudo, já se definiu a esperança como a lembrança do futuro. Lembrar a chacina de Guernica traduz a esperança de todos aqueles que procuram o fim do sacrifício de civis inocentes em toda parte. Lamentavelmente, a recente manifestação do ódio terrorista contribui para tão trágica lembrança.